

# PROFISSÃO PROFESSOR: TRAÇANDO ITINERÁRIOS ENTRE A FORMAÇÃO CONTINUADA E A PROFISSIONALIZAÇÃO

Natalí dos Santos Andrade  
Professora de Educação Infantil  
CELEM, Cairu-Ba

A profissionalização não se faz pela acumulação consolidada, na perspectiva de um estoque sempre maior, mas pela sua renovação constante, diante de um mundo que entrou definitivamente num ritmo avassalador de mutação.

Pedro Demo (2007)

**Resumo:** Centrada em torno da profissão professor a discussão apresentada neste trabalho tece considerações sobre a formação continuada e sua influência no processo de profissionalização da profissão docente. Tal como em seu escrito originador, TCC para graduação em Pedagogia, ele foi desenvolvido a partir de uma pesquisa qualitativa bibliográfica por esta permitir um olhar amplo e aprofundado sobre as duas dimensões. Com a realização da pesquisa verificamos que ao falar de profissionalização e formação continuada de professores estamos abordando sobre processos comuns que se originam a partir das frenéticas mudanças econômicas, políticas, sociais, e, que tem em vista a politização e a valorização do docente enquanto produtor de saberes e conhecimentos. Mediante o estudo, compreendemos que a profissionalização perpassa pela formação continuada, pelo constante aprender, fazer, refletir, pesquisar, construir, compartilhar, exigir, ser, valorizar: valorizar-nos enquanto professores e professoras, comprometidos com a função de educar.

**Palavras-chave:** Profissão Docente. Formação continuada. Profissionalização

## Introdução

Ao observarmos a nossa história de vida e a da própria sociedade podemos perceber o quanto as coisas se modificaram e se modificam. O contexto sócio-político-econômico de nossa geração não é o mesmo de nossos pais nem será igual ao de nossos filhos e netos. A sociedade e os seres humanos que a constitui são dinâmicos e mutáveis, assim, surgem sempre novidades e necessidades que refletem constantemente em exigências à Educação.

Se em tempos atrás era suficiente ao povo saber ler, escrever e contar, hoje estas são ferramentas indispensáveis para o início de uma caminhada educacional em direção à constituição de uma profissão. Assim feito, esta caminhada não para, a evolução da globalização e das tecnologias requer um profissional concatenado com suas mudanças e cobranças. Ao professor isso não é diferente, responsável pela formação desses profissionais, ele é um dos mais cobrados em termos de uma constante aprendizagem.

Analisando a formação continuada de professores no Brasil, numa perspectiva geral, podemos afirmar, a partir das contribuições de Alvarado-Prada et al (2010, p. 374), que ela foi e muitas vezes é compreendida como um meio de preencher lacunas deixadas na formação inicial, de reparar dificuldades surgidas no dia-a-dia escolar, de inserir políticas, programas e congêneres, em grande parte governamentais, de obter certificados para mudanças de nível e salário na carreira, de atender anseios de aprendizagem de conhecimentos específicos, ou seja, realizar cursos passageiros, cumprindo assim apenas uma exigência social. Estes são para, Imbernón (2010) e os Referenciais para a formação de Professores (BRASIL, 2002), obstáculos a serem vencidos para construir uma nova formação continuada.

Em contraste com essas práticas, desenvolve-se na atualidade discursos e novos ideais para a formação continuada de professores, nos quais se consideram o professor como sujeito produtor de conhecimentos e a escola como *locus* privilegiado para a formação docente. Fundamentando-se, principalmente, em uma realidade espanhola, Imbernón (2010) é um dos teóricos que defende mudanças nas formas como são estruturadas e organizadas as formações continuada de professores ao apresentar um conjunto de ideias e propostas globais para melhorar as formações.

O autor pontua a necessidade das propostas de educação acompanharem as mudanças sociais, culturais, políticas e econômicas da sociedade e ilustra que elas não devem refletir em proposições prontas e conteudistas para as formações dos professores. Ao invés de visar apenas a aplicação das inovações nos sistemas educacionais, a formação continuada precisa considerar o professor como um produtor de conhecimentos, e, proporcionar seu aprimoramento enquanto profissional e indivíduo subjetivo, pois o educador perfeito não existe.

Isso nos indica que a graduação é importante para profissionalizar o professor, mas não é uma ação última. A profissão de professor, além das outras, requer um constante estudo, atualização e aprendizagens, pois a diversidade de conhecimentos pedagógicos, a sociedade e suas mudanças contextuais, tal como a própria condição humana assim exigem.

Nesse sentido, se desconstrói o mito de que ensinar é fácil (IMBERNÓN, 2010, p. 100) e se afirma o quão complexo é o ofício do professor: ele tem como objeto de trabalho sujeitos e suas idiossincrasias, e além de proporcionar que estes aprendam; precisa estar atento às informações e conhecimentos que vão surgindo, pois estes podem envolver mudanças de metodologias de ensino, dos objetivos da Educação, enfim, do que se espera da atuação de um professor.

São o conhecimento e as mudanças os atores principais que propiciam o enredo e compõem duas realidades fundamentais à realização de um trabalho qualificado do professor, a saber: a formação continuada e a profissionalização docente.

Intrigadas com a importância dessas duas ações para o bom trabalho do professor e para a qualidade da educação pretendemos com este trabalho apresentar discussões de uma pesquisa qualitativa bibliográfica desenvolvida no TCC de graduação em Pedagogia, em cuja oportunidade visamos compreender a relação estabelecida entre a formação continuada e o processo de profissionalização docente. Neste processo vamos contar como o apoio teórico de atores como Imbernón (2010), Ramalho et al (2004), Demo (2007), Freire (1996; 2000), dentre outros.

### **Formação continuada e profissionalização: relações**

Falar em formação do sujeito já implica pensar em um processo que permeia toda a vida, pois como homens e mulheres somos seres históricos e inacabados (Freire, 1996). Assim, apesar da formação do indivíduo por si só ser contínua, esse último termo é acrescido ao processo educacional de professores para destacar a importância destes profissionais realizarem estudos sistemáticos e permanentes.

Nesta perspectiva, a formação continuada de professores se refere, segundo Santos (1998, p. 124) a “propostas voltadas para a qualificação do docente, tendo em vista as possibilidades de melhoria de sua prática pelo domínio de conhecimentos e de métodos de seu campo de trabalho”. Por isso, se faz um importante instrumento para superar problemas e/ou dificuldades surgidas no dia a dia da prática docente, mas também, para acompanhar as mudanças pedagógicas apreendendo novos saberes e conhecimentos. Desta forma, ela pode ser desenvolvida tanto no próprio local de trabalho a partir de coordenações pedagógicas, quanto pela instituição e/ou secretarias de educação da qual o professor faz parte, mas também por meio de curso, seminários, especializações (mestrado, doutorado, pós-doutorado), dentre outras modalidades.

Por sua vez a profissionalização, revelando um processo de busca de reconhecimento do trabalho do professor como profissão, é compreendida por Nuñez e Ramalho (2008, p. 4) como:

[...] um movimento ideológico, na medida em que repousa em novas representações da educação e do ser do professor no interior do sistema educativo. É um processo de socialização, de comunicação, de reconhecimento, de decisão, de negociação entre os projetos individuais e os

dos grupos profissionais. Mas é também um processo político e econômico, porque no plano das práticas e das organizações induz novos modos de gestão do trabalho docente e de relações de poder entre os grupos, no seio da instituição escolar e fora dela.

Concordando e complementando essa conceituação, Veiga (1998, p. 76) nos auxilia a entender que a profissionalização não é um movimento linear e muito menos hierárquico e por isso não se trata de uma questão meramente técnica, mas de um conjunto de esforços no sentido de construir uma identidade profissional única.

De acordo com Ramalho et al (2004) a profissionalização é amalgamada por duas dimensões. A profissionalidade, como a perspectiva que compreende o que é preciso saber e dominar para realizar de forma eficaz e eficiente a função de ensinar, assim como as outras funções nela imbricadas. E, o profissionalismo ou professionismo, como as ações morais e éticas que os profissionais, individual e/ou coletivamente, necessitam realizar para alcançar e manter certo status entre as profissões e na sociedade.

Compreendemos que apesar de ambas complementarem uma a outra, a profissionalidade responde mais a pergunta **o que é preciso saber para exercer tal profissão**, e o professionismo, a questão **o como devo proceder na vivência da profissão**. Se o professor têm conhecimentos, habilidades, saberes e não os aplica de tal forma como requer sua profissão, ele não se enquadra no perfil de profissional competente como demanda o processo de profissionalização. Desse jeito, “[...] o cumprimento da obrigação moral que prevê o ensino e o compromisso que tem com a comunidade requer do profissional docente *competência profissional*.” (PAPI, 2005, p. 42). (grifo da autora).

Tendo em consideração as exposições realizadas sobre a formação continuada e a profissionalização, percebemos que ambas fazem parte do desenvolvimento profissional, isto é, de “[...] um conjunto de fatores que possibilitam ou impedem que o professor avance na questão da identidade.” (IMBERNÓN, 2010, p. 80). Nesse sentido, ambas são defensoras da ideia de que os professores edificam sua profissão no decorrer da vida, logo, compreende-se que as duas precisam fazer parte de projetos do indivíduo, mas também daqueles pensados/desempenhados pelas instituições onde este atua.

Além de participar do desenvolvimento profissional do professor, a formação continuada, de certa forma, se afirma como um dos elementos essenciais à profissionalização deste, pois é um canal direto de construção da profissionalidade: de saberes, conhecimentos, competências sem as quais não é possível o desempenho da função docente. O trabalho do professor exige um contínuo processo de aprendizagem e sistematização de saberes propiciado pela formação continuada.

Por esse ponto de vista, a formação continuada é um aspecto fundamental à consideração do professor como um profissional. De acordo com Ramalho et al (2004, p. 41), o desenvolvimento científico e tecnológico e o constante surgimento de conhecimentos exigem dos profissionais uma sincronia entre a formação inicial e a formação continuada, uma atualização sistemática de seus saberes.

Assim, ainda que se reconheça que os professores constroem saberes experienciais - desenvolvidos durante o exercício de suas funções (TARDIF, 2002, p. 39) e também competências – capacidade que se manifesta na ação a partir do emprego de saberes, habilidades, atitudes, (RAMALHO et al, 2004, p. 70), compreende-se que tanto os saberes experienciais quanto as competências não aconteceriam sem um fazer reflexivo, crítico embasados na pesquisa da prática.

Por conseguinte, é importante ressaltar que a formação profícua pretendida não é aquela na qual os professores ficam como receptores de conhecimentos prontos. Ao contrário, é fundamental que estes questionem, elaborem, deem um novo e/ou seu significado ao conhecimento. A pesquisa, a reflexão e a crítica estão imbricados à formação continuada e à profissionalização do professor como meios para renovar/reestruturar os conhecimentos, os saberes, competências proporcionando a constituição de um professor que tem a teoria e a prática imbricadas e em constante evolução.

Apesar de falar de um contexto de formação inicial, Ramalho et al (2004, p. 23) corroboram com essa discussão dizendo:

*Assumir a reflexão, a crítica e a pesquisa como atitudes que possibilitam o professor participar na construção de sua profissão e no desenvolvimento da inovação educativa, norteia a formação de um profissional não só para compreender e explicar os processos educativos dos quais participa, como também para contribuir na transformação da realidade educacional no âmbito de seus projetos pessoais e coletivos.*

Esses três pilares da formação são também da profissionalização, pois, além do renovar conhecimentos, dão condicionamento à reformulação dos fundamentos epistemológicos do ofício de professor como também os da própria educação. Por isso, vale especificar melhor essas três atitudes profissionais:

a) A pesquisa: constituída como um dos pilares da formação universitária consiste em uma atitude investigativa que deve ser aprimorada pela educação escolar, pois está imbricada ao ser humano desde criança com seu potencial questionador. Por isso, de acordo com Demo (2007) a pesquisa precisa ser um princípio científico e também educativo. É

essencial que o professor a tenha como um meio para alcançar novos conhecimentos, mas também como uma atitude educativa que deve permear sua metodologia de ensino propiciando que o aluno a assuma desde pequeno. A pesquisa não pode ser vista como uma atividade exclusiva de cientistas, pois, ainda segundo o autor, é “a maneira consciente e contributiva de andar na vida, todo dia, toda hora. Por outra, pesquisa não é qualquer coisa, papo furado, conversa solta, atividade largada”, é uma atividade que exige sistematização e rigor. (DEMO, 2007, p. 10).

b) A crítica: compondo também o arcabouço do fazer pedagógico, a crítica diz respeito, segundo Ramalho et al (2004, p. 32), à atitude que norteia a releitura da realidade educativa, sob referências que proporcionam compreendê-la e transformá-la. Nesse sentido, associada à pesquisa e à reflexão, a crítica é um meio de construir um olhar desmistificado sobre as coisas e fatos que compõe o campo educacional e as dinâmicas da sociedade. Possibilita ao professor, de acordo com Kemmis (1988 apud Ramalho et al, 2004, p. 34), posicionar-se no contexto da ação e na própria história participando dos problemas sociais com postura face aos mesmos. Pois, como nos diz Freire (2000, p. 44), o professor com postura progressista não aceita que ensino de qualquer conteúdo aconteça alheado de uma análise crítica do funcionamento da sociedade. Por outro lado, a crítica precisa fundamentar a relação Teoria/Prática, pois sem a crítica “a teoria pode ir virando blábláblá e a prática, ativismo.” (FREIRE, 1996, p. 22)

c) A reflexão: de uma forma geral podemos dizer que a reflexão é uma faculdade eminentemente humana, pois diferente dos outros animais, só ele tem a capacidade de pensar sobre ações passadas, presente ou futuras, e questioná-las a partir de sua estrutura de conhecimentos. Já, levada a questão formativa, compreendemos, por meio de Schön (2000 apud RAMALHO et al 2004, p. 26), que a reflexão proporciona a reconstrução da prática profissional mediante a tomada de consciência do fazer, no fazer e sobre o fazer. Similarmente, Imbernón (2010, p. 47) diz que a reflexão real permite ao professor “examinar suas teorias implícitas, seus esquemas de funcionamento, suas atitudes, etc., estabelecendo de forma firme um processo constante de autoavaliação do que se faz e porque se faz”. Assim a reflexão, tendo a disposição recursos metodológicos e teóricos, precisa constituir-se como uma atitude diária de repensar as ações, pois o questionamento sobre estas possibilita construir novos conhecimentos como realizar um trabalho consciente fundamentado na autogestão.

Neste sentido, entendemos que essas três atitudes precisam ser trabalhadas desde a graduação e não podem ser esquecidas nesta primeira etapa do desenvolvimento profissional.

Para uma efetiva profissionalização docente, é fundamental que esses três aspectos continuem a fazer parte da vida do professor não como uma atitude prosaica, mas sim como aquela que tem a teoria e a sistematização como bases.

A formação continuada, apoiada nesses três alicerces, promove o desenvolvimento do professor como um sujeito consciente, situado nos determinantes históricos, políticos e econômicos que envolvem a educação e a desvalorização de seu trabalho.

Assim também, a formação continuada é um meio que potencializa os professores a buscarem melhores condições de trabalho, e, além disso, promove a realização de autovalorização e do reconhecimento social, necessários a elevação de seu desenvolvimento profissional. Todavia, como foi dito anteriormente, o desenvolvimento profissional envolve um conjunto de fatores, entre os quais estão o salário, legislação laboral, estruturas de trabalho, níveis de decisão e participação, entre outros.

Dessa forma, conforme Imbernón (2010, p. 81), mesmo realizando uma excelente formação, temos a probabilidade de nos situar em um desenvolvimento próximo da proletarização dos professores. Isso nos faz recordar que alcançar a profissionalização não é tarefa fácil que depende apenas do professor. Por outro lado, se este não toma algumas responsabilidades para si, o processo realmente não é encaminhado.

É importante que a formação permanente seja uma tarefa política (FREIRE, 1996, p. 68), como também, trabalhe e/ou propicie a efetivação do professor como um ser político e autônomo. O professor, como partícipe da sociedade e tendo um campo de trabalho fortemente influenciada por ela, precisa estar atento aos movimentos políticos e econômicos que direta ou indiretamente trazem mudanças para a educação e para a sua profissão.

Essa tarefa é fundamental porque a qualidade de ser política é inerente à educação (FREIRE, 1996, p. 110), como também ao ser humano e ao professor. Este precisa assumir uma postura diante da vida e das intervenções do Estado e do mercado, necessita, sobretudo, agir de forma coletiva em prol da profissionalização. Pois o jeito individualista de agir pode trazer bônus imediatos à pessoa, mas é fator de sua subordinação e da proletarização docente, visto que a desunião da classe não leva a melhoras consubstanciais e perenes a profissão.

Além disso, torna-se imprescindível que o papel do professor na formação continuada não se reduza ao observar, e a “absorver”; é fundamental que este tenha oportunidade de propor e intervir tanto nas ações da escola quanto nas propostas de sua formação continuada. Pois, o processo de profissionalização envolve mais que qualificação ou competência, “[...] é uma questão de poder, de autonomia face à sociedade, ao poder político, à comunidade, aos empregadores; de jurisdição face aos outros grupos profissionais.”

(ENGUIITA, 2001 *apud* RAMALHO et al, 2004, p. 39). Nesse patamar, a formação continuada se torna um meio profícuo, pois possibilita tanto a reelaboração dos conhecimentos pedagógicos quanto atitudes de autodeterminação de sua caminhada profissional.

Situada nessa discussão, Veiga (1998, p. 25) fala da autonomia como uma capacidade pessoal de tomar decisões sem influência de pressões externas. Sugere ainda que no contexto brasileiro os professores estão subordinados ao Estado, pois é este quem lhe contrata. Contra essa situação Veiga e Araújo (1998, p. 163) recomendam a criação do Conselho Federal dos Profissionais da Educação (CFPE) e os Conselhos Regionais dos Profissionais da Educação (CRPE) que darão aos professores a oportunidade de: regular seus próprios direitos e deveres; criar mecanismos próprios para avaliar seus membros; reconhecer que condições são necessárias para exercer a profissão, enfim, ter notoriedade para buscar melhores condições de trabalho e a sua valorização.

Por outro lado, além de trazer acréscimos aos próprios professores, a realização de um trabalho mais autônomo, por parte destes, é benéfica para uma melhora qualitativa na educação. Pois, de acordo com Papi (2005, p. 70), quando as propostas de inovação são decididas e passadas ao corpo docente de modo centralizado por instâncias gestoras, o sucesso de sua implantação é menor do que aquelas decididas pelos próprios professores.

Nesse sentido, acredita-se no potencial de um trabalho coletivo. A formação continuada e a profissionalização como guias do desenvolvimento profissional docente têm em comum essa característica: são profícuas quando partem de um trabalho coletivo. Conforme Ramalho et al (2004, p.68) o desenvolvimento profissional é beneficiado quando os professores têm a chance de realizar reflexão e pesquisa crítica junto com seus pares, exercendo assim uma autonomia compartilhada.

Além de reconhecerem que o trabalho coletivo surte resultados mais profícuos do que ação individualistas, a formação continuada e a profissionalização serão mais eficientes se constituírem como desejo dos professores. Porquanto, nenhuma atividade, por mais bem planejada que seja, atinge seus objetivos se não tiverem como ponto de partida os anseios das pessoas partícipes da mesma.

Abordando que a “rearmada” moral, intelectual e profissional dos professores perpassa pela recuperação do controle do processo de trabalho, Imbernón (2010, p. 41) afirma:

O objetivo dessa “rearmada” deveria ser o de ressituar os professores, para serem os protagonistas ativos de sua formação em seu contexto de trabalho,

no qual as decisões entre o prescrito e o real deve combinar, seu autoconceito deve aumentar, assim como seu *status* laboral e social. Isso tudo será conseguido mediante uma mudança das políticas educativas, aliada à reivindicação dos professores por uma maior autonomia profissional, por sua capacidade de formação e geração de mudanças, pela possibilidade de lhes deixarem realizar uma verdadeira colegialidade entre colegas de trabalho, por lhes consentirem ser criativos nas vicissitudes profissionais sem ser censurados e por lhes permitirem uma maior participação nas decisões educacionais, a fim de poderem desenvolver uma verdadeira participação com todos que intervêm na educação da criança e adolescência.

Desta maneira, Imbernón (2010) nos auxilia compreender, como já apontamos anteriormente, que o desenvolvimento profissional sucede do respeito e da valorização das ideias e necessidades dos professores, como também, de decisões e construções autônomas e de um trabalho coletivo e compartilhado, e não daquele individualista e competitivo.

Em função disso, é fundamental que os professores se empenhem na causa da formação continuada e da profissionalização para que ambas realmente aconteçam e proporcionem o reconhecimento e valorização da profissão pela sociedade. Reconhecimento e valorização precisam ser conquistados constantemente, pois devido às mudanças a sociedade, o conhecimento e as exigências aos professores nunca é a mesma.

Por isso, a formação profissional, conforme Ramalho et al (2004, p. 84) precisa se constituir como uma ação permanente que possibilite adquirir, estruturar e reestruturar condutas, saberes, habilidades, ética, hábitos, pois estas são essenciais ao desenvolvimento de competências necessárias a realização de uma determinada função profissional. Assim, se os professores não derem continuidade a sua formação as transformações políticas, econômicas e sociais podem torná-los profissionais obsoletos.

É analisando a partir dessa perspectiva que Freire (1996, p. 39) nos diz que o momento essencial na formação permanente do professor é a reflexão crítica sobre a prática. Pois é refletindo sobre a experiência de hoje e de ontem que se pode melhorar a prática futura. Além disso, é o reconhecimento de nossa incompletude, e, a curiosidade ingênua e epistemológica que nos torna disponíveis e capazes de mudar.

A partir dessas considerações, percebemos que a formação continuada é um dos caminhos que precisa ser percorrido pelos professores no processo de profissionalização da profissão, pois vai propiciar a constante reelaboração de conhecimentos necessários à profissão como também à adequação desta aos anseios sociais vigentes em cada época, sendo assim um dos meios que favorecem a estabilidade e o *status* indicativo de valorização docente. Além do mais, a formação continuada, na qual a teoria e a prática não estão dissociadas, possibilita a constituição do professor político e atuante nos movimentos que

primam pela conquista das demandas contextuais a um efetivo trabalho docente que, consequentemente, promovem a profissionalização do professor.

### **Considerações Finais**

Tendo em foco a profissão professor, este trabalho possibilitou percebermos que ao falar de profissionalização e formação continuada de professores estamos abordando sobre processos comuns que se originam a partir das frenéticas mudanças e inovações dos conhecimentos, das economias e das sociedades.

A formação continuada de professores almejada na atualidade tem em foco propostas que considerem a escola como *locus* da formação, a valorização do docente enquanto produtor de saberes e conhecimentos, e, a consideração das etapas do desenvolvimento profissional do magistério.

Nesse sentido, é esperado que esta formação, como um contínuo da formação inicial, possibilite uma autoformação mediante um relação dialógica entre a teoria e a prática. Assim, como o trabalho dos professores na escola não se resume à prática de ensino, é fundamental que os sujeitos nos estudos continuados não se limitem a refletir sobre realidades micro (problemas específicos dos professores em sala de aula) relegando as situações contextuais e político-ideológicas da profissão docente.

Por outro lado, entendemos que para realizar a profissionalização, processo temporal cuja construção é de responsabilidade dos próprios professores, mas também dependente de modificações contextuais é imprescindível, primeiramente, superar alguns preconceitos a cerca da profissão e dos sujeitos que a exerce.

O estudo mostrou que para profissionalizar o professor é necessário ter como parâmetro o modelo de profissional almejado. Modelo este dependente da definição da finalidade do trabalho docente, mas concomitantemente, dos objetivos da educação e das perspectivas sócio-históricas e político-econômicas.

Logo, a profissionalização do professor, mais do que autonomia e empenho individual, exige um trabalho coletivo fundamentado em valores e normas próprias, mas também demanda transformações nas condições dadas e nas representações que se tem sobre a profissão docente e sobre os profissionais que nela atuam.

Em vista dessas considerações, percebemos que a formação continuada é um dos caminhos que precisa ser percorrido pelos professores no processo de profissionalização da função, pois vai propiciar por meio da reflexão, da pesquisa e da crítica, a constante

reelaboração de conhecimentos necessários a profissão, como também, a adequação consciente desta aos anseios sociais vigentes em cada época, e ainda, a constituição como sujeito, que de forma coletiva, movimenta-se em direção ao estabelecimento e/ou ao desenvolvimento de um código deontológico para fortalecer a identidade profissional e efetivar a valorização docente.

Mediante o que foi abordado, compreendemos que nossa profissionalização perpassa pela formação continuada, pelo constante aprender, fazer, refletir, pesquisar, construir, compartilhar, exigir, ser, valorizar: valorizar-nos enquanto professores e professoras, comprometidos com a função de educar. Enfim, para que se efetive a profissionalização do professor é necessário, sobretudo, que a mesma seja um projeto coletivo, um sonho que se sonha junto, pois como nos diz Raul Seixas em Prelúdio: “Sonho que se sonha só, é só um sonho que se sonha só. Mas sonho que se sonha junto é realidade.”

## **Referências**

DEMO, Pedro. **Educar pela pesquisa**. 8. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2007.

ALVARADO-PRADA, L. E.; CAMPOS FREITAS, T.; FREITAS, C. A. Formação continuada de professores: alguns conceitos, interesses, necessidades e propostas. **Revista Diálogo Educacional**, Curitiba, v. 10, n. 30, p. 367-387, maio/ago. 2010.

BRASIL. **Referências para a formação de professores**. Brasília: Ministério da Educação, 2002.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia da Indignação**: carta pedagógica e outros escritos. São Paulo: UNESP, 2000.

IMBERNÓN, Francisco. **Formação continuada de profesores**. Tradução Juliana dos Santos Padilha. Porto Alegre: Artmed, 2010.

NUÑEZ, I.B.; RAMALHO, B.L. A profissionalização da docência: um olhar a partir da representação de professoras do ensino fundamental. **Revista Iberoamericana de Educación**, s.l., n. 46/9, 10 set. 2008.

PAPI, S.O.G.. **Professores: formação e profissionalização**. Araraquara, SP: Junqueira&Marin, 2005.

RAMALHO, B.L.; NUÑEZ, I.B.;GAUTHIER, C.. **Formar o professor, profissionalizar o ensino**. 2. ed. Porto Alegre: Sulina, 2004.

SANTOS, L.L.C.P. Dimensões pedagógicas e políticas da formação contínua. In: VEIGA, I.P.A.. (Org.).**Caminhos da profissionalização do magistério**. Campinas, SP: Papyrus, 1998. SEIXAS, Raul. **Prelúdio**. São Paulo: Universal, 1999. 1 CD.

TARDIF, Maurice. Saberes profissionais dos professores e conhecimentos universitários: elementos para uma epistemologia da prática profissional dos professores e suas consequências em relação à formação para o magistério. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 13, p. 5-24, jan./abr. 2000.

VEIGA, I. P.A. Avanços e equívocos na profissionalização do magistério e a nova LDB. In: VEIGA, I. P.A.. (Org.) **Caminhos da profissionalização do magistério**. Campinas, SP: Papyrus, 1998.

VEIGA, I. P.A.; ARAÚJO, J.C.S.. Reflexões sobre um projeto ético para os profissionais da educação. In: VEIGA, I. P.A.. (Org.) **Caminhos da profissionalização do magistério**. Campinas, SP: Papyrus, 1998.